



A desobediência intelectual de Ailton Krenak: apontamentos importantes para se pensar uma epistemologia descolonial no sul global¹

Pedro Alexandre²

Habitou-se a falar que a racionalidade humana teria tido seu nascimento na Grécia antiga. Lá que uma compreensão “mitológica” do mundo teria começado a disputar com uma insurgente compreensão “racional”. Daí em diante, a epopeia “humana” teria se iniciado. A gestação que passa a ser feita com essa narrativa é a da civilização e seu caminhar para um alvorecer. Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. Seriam esses os capítulos oferecidos para explicar o percurso da “humanidade”, e quem estivesse fora disso ou não teria tido história alguma, e estaria com o tempo interrompido, ou deveria correr para tentar se inserir de alguma maneira nesse discurso. Alguns ainda se resignam com esse enquadramento e o assumem como pertencente à sua memória e cosmologia, já outros lutam contra essa construção. Afinal, até aqui, esses irreverentes já entenderam que “história mundial [é] um eufemismo para a história europeia”³. O próprio campo historiográfico já percebe o ambiente de disputa que se aclima, como o das ciências humanas. Uma questão que nos fazemos diante dos cânones desse campo é: apenas pensadores europeus e com sistemas europeus têm legitimidade epistemológica?

Essa pergunta deve ser vista com atenção para não cair em um essencialismo de identidade, mas seu questionamento é muito relevante. A bem da verdade, nos diversos campos científicos, majoritariamente nos pertencentes às ciências humanas, a disputa de narrativa sempre esteve à espreita. Acontece que em um tempo recente, essa arena se fez/faz mais evidente. A discursiva ocidental não está sendo suficiente para entender toda essa diversidade humana que permeia o espaço e o tempo, e decerto nunca foi. Deveria ser isso desesperador? Para um discurso eurocêntrico que sempre prezou pela simplificação da realidade numa tentativa de promover uma homogeneização, com certeza. Contudo, para outros juízos que tentam ganhar mais espaço e mais legitimidade em suas interpretações

¹ Manteve-se o uso do termo “descolonial” devido à sua recorrência no texto de Mignolo que serve como base deste trabalho

² Graduando em História pela UFRJ.

³ Said, 2007. p. 131.



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

sobre a realidade e a condição humana, é uma rica temporada.

Um nome para se convocar desses discursos que ganham presença quando pensamos em disputas interpretativas e epistemológicas é o de Ailton Krenak, pertencente ao grupo indígena Krenak, e um importante intelectual para sociedade brasileira e para um mundo que possui frações que lutam pela descolonização. Sua relevância intelectual se manifesta de maneiras diferentes. Ele expõe e defende uma cosmologia alternativa àquela que por muito tempo se estabeleceu no seio europeu. Importância essa que será melhor visualizada se o colocarmos ao lado de uma ideia de “desobediência epistêmica” defendida por Walter D. Mignolo, percebendo que seus juízos não são relevantes apenas para ações descoloniais, mas também para uma ciência mais profícua e alinhada com a vida e o bem-viver. Tudo ficará mais concebível ao fim desta reflexão.

De início, deixemos claro o que é uma “desobediência epistêmica”. E a melhor maneira de compreender isso é entendendo justamente a quem se exerce uma desobediência. E as “autoridades” desacatadas seriam o “conhecimento ocidental” e a “razão imperial\colonial”, entendidas por Mignolo como “o conhecimento que foi construído nos fundamentos da língua grega e latina e das seis línguas imperiais europeias (também chamadas de vernáculo)”⁴e que teriam tomado substancial parte do globo por processos colonialistas e imperiais. A desobediência estaria em pensar além dessas categorias epistêmicas, possibilitando assim uma atuação descolonizante: “Descolonial significa pensar a partir da exterioridade e em uma posição epistêmica subalterna vis-à-vis à hegemonia epistêmica que cria, constrói, erige um exterior a fim de assegurar sua interioridade”⁵ e “pensar a partir das línguas e das categorias de pensamentos não incluídas nos fundamentos dos pensamentos ocidentais”⁶. Dessa forma, é viável inferir que não existe uma única maneira de ser desobediente de modo epistêmico e adotar, por conseguinte, uma postura descolonial. O principal referente é o esforço em se pensar além dessa epistemologia ocidental, que mais enclausura que liberta. E esse é o esforço que não falta nas manifestações de Ailton Krenak. Assim, é com a desobediência intelectual desse pensador que iremos agora “aprender a desaprender, e a aprender a reaprender a cada passo”.⁷

⁴ Mignolo, 2008, p. 290.

⁵ Ibid, p. 304.

⁶ Ibid, p. 305.

⁷ Ibid., p 305.



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

Para executar essa reflexão descolonial, iremos usar como volante seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*. Na primeira parte dele, que também dá nome a este, intitulada “Ideias para adiar o fim do mundo”, Krenak levanta uma reflexão instigante sobre a ideia universal de “humanidade”, direcionando-se com ela para uma percepção de denúncia. E nesse percurso conseguimos facilmente notar uma desobediência epistêmica sugerida por Mignolo. Krenak, ao fazer seus questionamentos, põe em crítica percepções canônicas da sociedade ocidental, como a visão exploratória comum a economias coloniais e capitalistas que tendem a apenas buscar na natureza recursos. Nesse ato, ele não só critica categorias que foram gestadas por experiências europeias, mas denuncia a imposição destas mediante suas empreitadas de dominação. E com isso, nos faz refletir por que uma serra não poderia ser um familiar em vez de um campo exploratório? Ora, por que não? Afinal, por que apenas a cosmologia europeia teria maior validade? Alinhado a isso, ele questiona essa ideia universalizante de humanidade que não abre brechas para a diversidade, podendo-se claramente ver uma posição descolonial dentro dos acordes de Mignolo, já que este afirma que “O pensamento descolonial é a entrada para a pluriversalidade como projeto universal”.⁸ E essa é uma entrada que Krenak louva: “Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro”.⁹

Na segunda parte do livro, “Do sonho e da terra”, Krenak segue sua mesma linha de raciocínio e defesa. O conveniente para nós é trazer uma reflexão que ele levanta sobre a sua cultura e de outros povos indígenas em comparação com o “povo da mercadoria”, fazendo aqui uma menção explícita a Davi Kopenawa. E ver, também, como ele estabelece uma análise comparativa de sua cosmologia e dessas outras sociedades com a das sociedades capitalistas no tratante à terra e aos sonhos. Num primeiro ponto, Krenak faz uma reflexão sobre o quão irrisória é a tentativa de enquadrar novamente os indígenas num ideal geral de “humanidade” que teria sido naturalizado com o passado colonial do Brasil. Com esse raciocínio homogeneizante, o que se espera é “a ideia de que os índios deveriam estar contribuindo para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza”¹⁰, inibindo, por conseguinte, qualquer capacidade de compreensão diante de uma cosmologia indígena que busca um convívio harmônico e familiar com a natureza. O mundo para essas sociedades não é uma mercadoria como na cosmologia capitalista percebida por Kopenawa. Ele não é

⁸ Mignolo, Walter. *Op. Cit.*, p. 300.

⁹ Krenak, Ailton. *Op. Cit.*, p. 33.

¹⁰ *Ibid*, p. 41.



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

“desumanizado”, no sentido de não merecer uma equivalência de convívio e respeito, ele, ao contrário, é visto como um ente. O mesmo vale para os sonhos, que não são uma experiência fortuita e banal ao estado de sonolência ou um ato de disjunção da praticidade da vida. Eles são, por sua vez, uma experiência essencial para a orientação desperta. Mais uma vez vemos aí um confronto epistêmico.

Na terceira e última parte do livro, “A humanidade que pensamos ser”, o ponto chave é a inteligente percepção que Krenak engendra sobre esse rompimento com ideias bastante naturalizadas, como, novamente, a de uma única “humanidade”. Sobre isso, ele se questiona acerca do receio que pode advir da abdicação de um retrato tão fixado de um humano unívoco. E a presença dessa querela, desse medo de cair, ocorre “porque as outras possibilidades que se abrem exigem implodir essa casa que herdamos”¹¹. Um velho mundo deve cair para que um novo nasça, ou melhor, para que novos mundos nasçam, e com cordialidade e respeito pela diferença. O Antropoceno e suas mazelas devem ser visualizados e superados. Porém, como fazer isso? Krenak não nos dá, naturalmente, uma solução factual e certa, mas, por ser uma perspectiva descolonial, é possível observar que ele, assim como Mignolo, entende que “o caminho para o futuro não pode ser construído das ruínas e memórias da civilização ocidental e de seus aliados internos”.¹² O que ele nos diz é novamente a possibilidade de encontrar refúgio no sonho; naquele sonho que liberta e orienta, e “no qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada”¹³, assim como nos fala da necessidade de assumir um impulso para uma coletividade, pois “estamos todos jogados nesse abismo”.¹⁴

Essa exposição sintética de Krenak e de seu livro, *Ideias para adiar o fim do mundo*, é, portanto, uma representação bem forte do poder da desobediência epistêmica e do ato descolonial que deriva dessa. Interpretar o mundo, não se limitando a categorias ocidentais, é ir contra “uma das realizações da razão imperial [que] foi a de afirmar-se como uma identidade superior ao construir construtos inferiores (raciais, nacionais, religiosos, sexuais, de gênero), e de expeli-los para fora da esfera normativa do ‘real’”.¹⁵ É poder quebrar uma casa limitante, e que já se encontra em um estado que cede à autodestruição, como observa Krenak, dando espaço para novas experiências e soluções

¹¹ Ibid, p. 62.

¹² Mignolo, Walter. *Op. cit.*, p. 295.

¹³ Krenak, Ailton. *Op. cit.*, p. 66.

¹⁴ Ibid, p. 72.

¹⁵ Mignolo, Walter. *Op. cit.*, p. 291.



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

que podem surgir do Brasil e da América Latina, e de seus povos que resistem até os dias atuais. O pensamento descolonial não deve ser visto como uma espécie de salvacionismo ou algo parecido. Ele deve ser encarado criticamente como qualquer outro. E é exatamente isso que ele busca: equivalência epistemológica. Decisão que não deve suscitar um outro nivelamento geral, mas um desejo por respeito absoluto. O melhor a se fazer é batalhar por uma cosmologia que favoreça a reprodução da vida e que valorize a “inter-cultura [que], na verdade, significa inter-epistemologia, um diálogo intenso que é o diálogo do futuro entre cosmologia não ocidental (...) e ocidental(...)”¹⁶. Talvez assim aprendamos a sonhar mais, e a entender que a desobediência pode ser um bom caminho.

Referências

- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. –2ª— São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF—Dossiê: Literatura, língua e identidade*, nº 34, p. 287-324, 2008.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução Rosaura Eichenberg. –1ª ed.— São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Como citar: ALEXANDRE, Pedro. **A desobediência intelectual de Ailton Krenak: apontamentos importantes para se pensar uma epistemologia descolonial no sul global**. 2025. Disponível em: <https://lppe.uerj.br/emmemoriadaamericalatina>. Acesso em: 14 abr. 2025.

¹⁶ Ibid, p. 316.